Depois do vazio

Por Gustavo Ranieri

Em meio ao que chamamos de era digital, fica difícil precisar quantas gerações coexistem, ainda que, algumas vezes, sejam poucos anos a diferença de uma para a outra. Aquela em que a artista visual Carine Wallauer, 28 anos, acredita estar é a das pessoas que nasceram e atravessaram a infância sem a imersão em gadgets. Talvez por isso, compreender seu papel no hoje seja uma das motivações de sua criação, tanto quanto conseguir comunicar suas transformações pessoais – a própria fotografia surgiu em sua vida aos 15 anos, com o primeiro celular, como gatilho da autodescoberta e do lidar com uma enorme timidez na época. “Tenho vontade de participar deste mundo digital, mas uma grande parte de mim quer o toque, as relações reais, o contato. Porém, se não fizer parte desse mundo, que segue outra ordem de comunicação, quem sou eu? Então, me sinto partida, sem me entender nesse processo todo.”

Outra característica que Carine atribui a muitos artistas contemporâneos dela é a postura self made. “Não espero que um grande editor queira publicar meu livro, então, vou lá e o publico. Não espero que uma grande galeria me promova, então, me uno a outros artistas e fazemos uma intervenção para mostrar nosso trabalho às pessoas. Acho que o papel do jovem artista hoje é esperar menos das instituições e abrir mais seus próprios caminhos. Claro que, de certa forma, precisamos de instituições, para traçar um caminho maior, mas o início tem de vir de uma força interna”, ressalta.

Uma rápida navegada no site da criadora, que habita São Paulo há quatro meses – após se mudar da Porto Alegre natal ao término de um casamento de sete anos –, escancara a peregrinação da fotógrafa que, com o boca a boca, inúmeros e-mails e grande insistência começa a cavar seus pés em solo mais fértil, inclusive com a publicação por conta própria de dois livros, com tiragem pequena: Visões elevadas de Eros, de 2013, e O vazio é um espelho, de 2015. Juntos, os dois refletem a transição de Carine e seu ingresso na fase adulta. “O primeiro livro é colorido, traz inocência, reflete quando eu estava vivendo o primeiro amor; tinha casado há pouco tempo, estava feliz. Já O vazio é um espelho – cujo título é retirado de uma fala do filme O sétimo selo [de Ingmar Bergman] – é de quando comecei a perder a ilusão das coisas e passei a entender que a vida não é festiva o tempo inteiro e que é necessário viver novas camadas. Estava em crise no relacionamento, meus pais haviam se separado, me senti perdida. Então, chamei uma amiga parecida fisicamente e ela começou a interpretar os meus sentimentos. Ela aparece nua nas fotos, pois é como me sentia, vazia para começar de novo. É um livro de fotografias em preto e branco, porque precisava preencher minha vida de cores.”

Em processo de reconstrução, como diz atravessar, a criadora se lança agora em outro projeto, desta vez, um de apropriação de frames de filmes importantes em sua vida, para os quais ela faz uma legenda, ainda que esta não conte a mesma história que a imagem parece apontar. Com esse trabalho, a artista vem alcançando um desejo seu: o de expor seus sentimentos de forma mais universal, sem produzir algo, como nos dois primeiros livros, que, em partes, se fecham mais em seu íntimo. “Espero cada vez me abrir mais para o todo e enxergar em outras pessoas coisas que falem de mim. Me interesso por sentimentos, por entender como me relaciono com o mundo e como o mundo está me respondendo. E como posso falar sobre isso com meu trabalho criativo.”